



Edward Costa - 14/8/87

Para Delfim, a ida ao FMI ajudou

Delfim e Gros acham que o Brasil fez um bom negócio

CURITIBA
AGÊNCIA ESTADO

O deputado Delfim Netto (PDS-SP) e o ex-presidente do Banco Central, Francisco Gros, elogiaram ontem, em Curitiba, o acordo obtido pelo governo brasileiro com os bancos credores. Os dois participaram do primeiro dia de debates do III Congresso Brasileiro de Executivos Financeiros. "É um acordo razoável", disse Delfim, ressaltando que "ele só foi possível porque fomos ao FMI, e estávamos com a situação externa mais folgada".

Na análise de Francisco Gros, freqüentemente colocado em posição antagônica em relação a Delfim, o acordo obtido "é o melhor possível nas atuais circunstâncias". Gros lembrou que a dilatação do prazo não incidirá apenas sobre o futuro, "mas sobre todo o estoque da dívida, o que, por enquanto, é muito bom".

Francisco Gros não esconde seu ceticismo quanto aos próximos anos, pois, para ele, uma negociação como a definida anteontem é "convenional".

"Nesse momento existe o acor-

do, mas não se equaciona o problema da dívida", alertou. Para ele, na Nova República, "o governo continua empurrando seus problemas mais sérios com a barriga".

Para o ex-presidente do Banco Central, Afonso Celso Pastore, "comparado aos anteriores, este é realmente o melhor acordo de renegociação da dívida externa que o Brasil consegue junto aos bancos credores privados".

Internamente, porém, Pastore acredita que o acordo não deverá ter maiores influências na economia, a não ser afastar, do cenário do governo o fantasma da iliquidez externa. Nem as negociações com o Fundo Monetário Internacional e com o Clube de Paris deverão ser influenciadas pelo acordo com os bancos privados. "E o aumento dos investimentos depende de baixar a inflação e criar condições para um maior crescimento econômico, não de um acordo sobre a dívida externa", afirmou. "Nem mesmo a Constituinte assusta tanto os investidores externos quanto esses dois fatores", disse Pastore.